

DOMINGO I DA QUARESMA

CIC 394, 538-540, 2119: a tentação de Jesus

- 394** A Escritura atesta a influência nefasta daquele que Jesus chama «o assassino desde o princípio» (*Jo* 8, 44), e que chegou ao ponto de tentar desviar Jesus da missão recebida do Pai¹. «Foi para destruir as obras do Diabo que apareceu o Filho de Deus» (1 *Jo* 3, 8). Dessas obras, a mais grave em consequências foi a mentirosa sedução que induziu o homem a desobedecer a Deus.
- 538** Os evangelhos falam dum tempo de solidão que Jesus passou no deserto, imediatamente depois de ter sido batizado por João: «Impelido» pelo Espírito para o deserto, Jesus ali permanece sem comer durante quarenta dias. Vive com os animais selvagens e os anjos servem-n'O². No fim desse tempo, Satanás tenta-O por três vezes, procurando pôr em causa a sua atitude filial para com Deus; Jesus repele estes ataques, que recapitulam as tentações de Adão no paraíso e de Israel no deserto; e o Diabo afasta-se d'Ele «até determinada altura» (*Lc* 4, 13).
- 539** Os evangelistas indicam o sentido salvífico deste acontecimento misterioso. Jesus é o Novo Adão, que Se mantém fiel naquilo em que o primeiro sucumbiu à tentação. Jesus cumpre perfeitamente a vocação de Israel: contrariamente aos que outrora, durante quarenta anos, provocaram a Deus no deserto³, Cristo revela-Se o Servo de Deus totalmente obediente à vontade divina. Nisto, Jesus vence o Diabo: «amarrou o homem forte», para lhe tirar os despojos⁴. A vitória de Jesus sobre o tentador, no deserto, antecipa a vitória da paixão, suprema obediência do seu amor filial ao Pai.
- 540** A tentação de Jesus manifesta a maneira própria de o Filho de Deus ser Messias, ao contrário da que Lhe propõe Satanás e que os homens⁵ desejam atribuir-Lhe. Foi por isso que Cristo venceu o Tentador, *por nós*: «Nós não temos um sumo-sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas; temos um, que possui a experiência de todas as provações, tal como nós, com excepção do pecado» (*Heb* 4, 15). Todos os anos, pelos quarenta dias da *Grande Quaresma*, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto.
- 2119** *Tentar a Deus* consiste em pôr à prova, por palavras ou actos, a sua bondade e a sua onipotência. Foi assim que Satanás quis que Jesus se atirasse do templo

¹ Cf. *Mt* 4, 1-11.

² Cf. *Mc* 1, 13.

³ Cf. *Sl* 95, 10.

⁴ Cf. *Mc* 3, 27.

⁵ Cf. *Mt* 16, 21-23.

abaixo, para com isso forçar Deus a intervir⁶. Jesus opôs-lhe a Palavra de Deus: «Não tentarás o Senhor teu Deus» (Dt 6, 16). O desafio contido em semelhante tentação a Deus fere o respeito e a confiança que devemos ao nosso Criador e Senhor, implicando sempre uma dúvida relativamente ao seu amor, à sua providência e ao seu poder⁷.

CIC 2846-2849: “Não nos deixeis cair em tentação”

2846 Esta petição atinge a raiz da precedente, porque os nossos pecados são fruto do consentimento na tentação. Nós pedimos ao nosso Pai que não nos «deixe cair» na tentação. Traduzir numa só palavra o termo grego é difícil. Significa «não permitas que entre em»⁸, «não nos deixes sucumbir à tentação». «Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém» (Tg 1, 13). Pelo contrário, Ele quer livrar-nos do mal. O que Lhe pedimos é que não nos deixe seguir pelo caminho que conduz ao pecado. Nós andamos empenhados no combate «entre a carne e o Espírito». Esta petição implora o Espírito de discernimento e de fortaleza.

2847 O Espírito Santo permite-nos *discernir* entre a provação, necessária ao crescimento do homem interior⁹ em vista duma virtude «comprovada»¹⁰, e a tentação que conduz ao pecado e à morte¹¹. Devemos também distinguir entre «ser tentado» e «consentir» na tentação. Finalmente, o discernimento desmascara a mentira da tentação: aparentemente, o seu objecto é «bom, agradável à vista, desejável» (Gn 3, 6), quando, na realidade, o seu fruto é a morte.

«Deus não quer impor o bem, quer seres livres [...]. Para alguma coisa serve a tentação. Ninguém, senão Deus, sabe o que a nossa alma recebeu de Deus, nem nós próprios. Mas a tentação manifesta-o para nos ensinar a conhecermo-nos e desse modo descobrir a nossa miséria e obrigar-nos a dar graças pelos bens que a tentação nos manifestou»¹².

2848 «Não entrar em tentação» implica uma *decisão do coração*: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração [...] Ninguém pode servir a dois senhores» (Mt 6, 21, 24). «Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito» (Gl 5, 25). É neste «consentimento» ao Espírito Santo que o Pai nos dá a força. «Não vos surpreendeu nenhuma tentação que tivesse ultrapassado a medida humana. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças, mas, com a tentação, vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar» (1 Cor 10, 13).

2849 Ora um tal combate e uma tal vitória só são possíveis pela oração. Foi pela oração que Jesus venceu o Tentador desde o princípio¹³ e no último combate da sua agonia¹⁴. Foi ao seu combate e à sua agonia que Cristo nos uniu nesta

⁶ Cf. Lc 4, 9.

⁷ Cf. 1 Cor 10, 9; Ex 17, 2-7; Sl 95, 9.

⁸ Cf. Mt 26, 41.

⁹ Cf. Lc 8, 13-15; Act 14, 22; 2 Tm 3, 12.

¹⁰ Cf. Rm 5, 3-5.

¹¹ Cf. Tg 1, 14-15.

¹² ORÍGENES, *De oratione*, 29, 15 e 17: GCS 3, 390-391 (PG 11, 541-544).

¹³ Cf. Mt 4, 1-11.

¹⁴ Cf. Mt 26, 36-44.

petição ao nosso Pai. A *vigilância* do coração é lembrada com insistência¹⁵ em comunhão com a sua. A vigilância é a «guarda do coração» e Jesus pede ao Pai que «nos guarde em seu nome»¹⁶. O Espírito Santo procura incessantemente despertar-nos para esta vigilância¹⁷. Esta petição adquire todo o seu sentido dramático, quando relacionada com a tentação final do nosso combate na terra: ela pede a *perseverança final*. «Olhai que vou chegar como um ladrão: feliz de quem estiver vigilante!» (Ap 16, 15).

CIC 385-390, 396-409: a Queda

- 385** Deus é infinitamente bom e todas as suas obras são boas. No entanto, ninguém escapa à experiência do sofrimento, dos males da natureza – que aparecem como ligados aos limites próprios das criaturas –, e sobretudo à questão do mal moral. Donde vem o mal? «*Quaerebam unde malum et non erat exitus* – Procurava a origem do mal e não encontrava solução», diz Santo Agostinho¹⁸. A sua própria busca dolorosa só encontrará saída na conversão ao Deus vivo. Porque «o mistério da iniquidade» (2 Ts 2, 7) só se esclarece à luz do «mistério da piedade»¹⁹. A revelação do amor divino em Cristo manifestou, ao mesmo tempo, a extensão do mal e a superabundância da graça²⁰. Devemos, portanto, abordar a questão da origem do mal, fixando o olhar da nossa fé n'Aquele que é o seu único vencedor²¹.
- 386** O pecado está presente na história do homem. Seria vão tentar ignorá-lo ou dar outros nomes a esta obscura realidade. Para tentar compreender o que é o pecado, temos primeiro de reconhecer o *laço profundo que une o homem a Deus*, porque, fora desta relação, o mal do pecado não é desmascarado na sua verdadeira identidade de recusa e oposição a Deus, embora continue a pesar na vida do homem e na história.
- 387** A realidade do pecado e, dum modo particular, a do pecado das origens, só se esclarece à luz da Revelação divina. Sem o conhecimento que esta nos dá de Deus, não se pode reconhecer claramente o pecado, e somos tentados a explicá-lo unicamente como falta de maturidade, fraqueza psicológica, erro, consequência necessária duma estrutura social inadequada, etc.. Só no conhecimento do desígnio de Deus sobre o homem é que se compreende que o pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-Lo e amarem-se mutuamente.
- 388** Com o progresso da Revelação, vai-se esclarecendo também a realidade do pecado. Embora o povo de Deus do Antigo Testamento tenha abordado a dor da condição humana à luz da história da queda narrada no Génesis, não podia

¹⁵ Cf. Mc 13, 9.23.33-37; 14, 38; Lc 12, 35-40.

¹⁶ Cf. Jo 17, 11.

¹⁷ Cf. 1 Cor 16, 13; Cl 4, 2; 1 Ts 5, 6; 1 Pe 5, 8.

¹⁸ SANTO AGOSTINHO, *Confessiones* 7, 7, 11: CCL 27, 99 (PL 32, 739).

¹⁹ Cf. 1 Tm 3, 16.

²⁰ Cf. Rm 5, 20.

²¹ Cf. Lc 11, 21-22; Jo 16, 11; 1 Jo 3, 8.

atingir o significado último dessa história, o qual só se manifesta à luz da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo²². É preciso conhecer Cristo como fonte da graça para reconhecer Adão como fonte do pecado. Foi o Espírito Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado, que veio «confundir o mundo em matéria de pecado» (Jo 16, 8), revelando Aquele que é o seu redentor.

- 389** A doutrina do pecado original é, por assim dizer, «o reverso» da Boa-Nova de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos têm necessidade da salvação e de que a salvação é oferecida a todos, graças a Cristo. A Igreja, que tem o sentido de Cristo²³, sabe bem que não pode tocar-se na revelação do pecado original sem atentar contra o mistério de Cristo.
- 390** A narrativa da queda (Gn 3) utiliza uma linguagem feita de imagens, mas afirma um acontecimento primordial, um facto que teve lugar *no princípio da história do homem*²⁴. A Revelação dá-nos uma certeza de fé de que toda a história humana está marcada pela falta original, livremente cometida pelos nossos primeiros pais²⁵.
- 396** Deus criou o homem «à sua imagem» e constituiu-o na sua amizade. Criatura espiritual, o homem só pode viver esta amizade na modalidade da livre submissão a Deus. É isso o que exprime a proibição feita ao homem de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, «pois no dia em que o comeres, morrerás» (Gn 2, 17). A «árvore de conhecer o bem e o mal» (Gn 2, 17) evoca simbolicamente o limite intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e confiadamente respeitar. O homem depende do Criador. Está sujeito às leis da criação e às normas morais que regulam o exercício da liberdade.
- 397** Tentado pelo Diabo, o homem deixou morrer no coração a confiança no seu Criador²⁶. Abusando da liberdade, *desobedeceu* ao mandamento de Deus. Nisso consistiu o primeiro pecado do homem²⁷. Daí em diante, todo o pecado será uma desobediência a Deus e uma falta de confiança na sua bondade.
- 398** Neste pecado, o homem *preferiu-se* a si próprio a Deus, e por isso desprezou Deus: optou por si próprio contra Deus, contra as exigências da sua condição de criatura e, daí, contra o seu próprio bem. Constituído num estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente «divinizado» por Deus na glória. Pela sedução do Diabo, quis «ser como Deus»²⁸, mas «sem Deus, em vez de Deus, e não segundo Deus»²⁹.

²² Cf. Rm 5, 12-21.

²³ Cf. I Cor 2, 16.

²⁴ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 13: AAS 58 (1966) 1034-1035.

²⁵ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513; Pio XII, Enc. *Humani generis*: DS 3897; PAULO VI, *Alocução aos participantes no «simpósio» teológico sobre o pecado original* (11 de Julho de 1966): AAS 58 (1966) 649-655.

²⁶ Cf. Gn 3, 1-11.

²⁷ Cf. Rm 5, 19.

²⁸ Cf. Gn 3, 5.

²⁹ SÃO MÁXIMO O CONFESSOR, *Ambiguorum liber*: PG 91, 1156.

- 399** A Escritura refere as consequências dramáticas desta primeira desobediência: Adão e Eva perdem imediatamente a graça da santidade original³⁰. Têm medo daquele Deus³¹ de quem se fizeram uma falsa imagem: a dum Deus ciumento das suas prerrogativas³².
- 400** A harmonia em que viviam, graças à justiça original, ficou destruída; o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo foi quebrado³³; a união do homem e da mulher ficou sujeita a tensões³⁴; as suas relações serão marcadas pela avidez e pelo domínio³⁵. A harmonia com a criação desfez-se: a criação visível tornou-se, para o homem, estranha e hostil³⁶. Por causa do homem, a criação ficou sujeita «à servidão da corrupção»³⁷. Enfim, vai concretizar-se a consequência explicitamente anunciada para o caso da desobediência³⁸: o homem «voltará ao pó de que foi formado»³⁹. *A morte faz a sua entrada na história da humanidade*⁴⁰.
- 401** A partir deste primeiro pecado, uma verdadeira «invasão» de pecado inunda o mundo: o fratricídio cometido por Caim na pessoa de Abel⁴¹; a corrupção universal como consequência do pecado⁴². Na história de Israel, o pecado manifesta-se com frequência, sobretudo como uma infidelidade ao Deus da Aliança e como transgressão da lei de Moisés. Mesmo depois da redenção de Cristo, o pecado manifesta-se de muitas maneiras entre os cristãos⁴³. A Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja não se cansam de lembrar a presença e *a universalidade do pecado na história do homem*.
- «O que a Revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do seu próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir do seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, o homem perturbou por isso mesmo a sua ordenação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a harmonia consigo próprio, com os outros homens e com toda a criação»⁴⁴.
- 402** Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. É São Paulo quem o afirma: «pela desobediência de um só homem, muitos (quer dizer, a totalidade dos homens) se tornaram pecadores» (*Rm 5, 19*); «Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram» (*Rm 5, 12*). À universalidade do pecado e da morte, o Apóstolo opõe a universalidade da salvação em Cristo: «Assim como, pelo pecado de um só, veio para todos os homens a

³⁰ Cf. *Rm 3, 23*.

³¹ Cf. *Gn 3, 9-10*.

³² Cf. *Gn 3, 5*.

³³ Cf. *Gn 3, 7*.

³⁴ Cf. *Gn 3, 11-13*.

³⁵ Cf. *Gn 3, 16*.

³⁶ Cf. *Gn 3, 17.19*.

³⁷ Cf. *Rm 8, 20*.

³⁸ Cf. *Gn 2, 17*.

³⁹ Cf. *Gn 3, 19*.

⁴⁰ Cf. *Rm 5, 12*.

⁴¹ Cf. *Gn 4, 3-15*.

⁴² Cf. *Gn 6, 5.12; Rm 1, 18-32*.

⁴³ Cf. *1 Cor 1-6; Ap 2-3*.

⁴⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 13: AAS 58 (1966) 1035.

condenação, assim também, pela obra de justiça de um só [Cristo], virá para todos a justificação que dá a vida» (*Rm 5, 18*).

- 403** Depois de São Paulo, a Igreja sempre ensinou que a imensa miséria que oprime os homens, e a sua inclinação para o mal e para a morte não se compreendem sem a ligação com o pecado de Adão e o facto de ele nos ter transmitido um pecado de que todos nascemos infectados e que é «morte da alma»⁴⁵. A partir desta certeza de fé, a Igreja confere o Baptismo para a remissão dos pecados, mesmo às crianças que não cometeram qualquer pecado pessoal⁴⁶.
- 404** Como é que o pecado de Adão se tornou o pecado de todos os seus descendentes? Todo o género humano é, em Adão, «*sicut unum corpus unius hominis* – como um só corpo dum único homem»⁴⁷. Em virtude desta «unidade do género humano», todos os homens estão implicados no pecado de Adão, do mesmo modo que todos estão implicados na justificação de Cristo. Todavia, a transmissão do pecado original é um mistério que nós não podemos compreender plenamente. Mas sabemos, pela Revelação, que Adão tinha recebido a santidade e a justiça originais, não só para si, mas para toda a natureza humana; consentindo na tentação, Adão e Eva cometeram um *pecado pessoal*, mas este pecado afecta a *natureza humana* que eles vão transmitir *num estado decaído*⁴⁸. É um pecado que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. E é por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um acto.
- 405** Embora próprio de cada um⁴⁹, o pecado original não tem, em qualquer descendente de Adão, carácter de falta pessoal. É a privação da santidade e justiça originais, mas a natureza humana não se encontra totalmente corrompida: está ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (inclinação para o mal, que se chama *concupiscência*). O Baptismo, ao conferir a vida da graça de Cristo, apaga o pecado original e reorienta o homem para Deus, mas as consequências para a natureza, enfraquecida e inclinada para o mal, persistem no homem e convidam-no ao combate espiritual.
- 406** A doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original foi definida sobretudo no século V, particularmente sob o impulso da reflexão de Santo Agostinho contra o pelagianismo, e no século XVI, por oposição à Reforma protestante. Pelágio sustentava que o homem podia, pela força natural da sua vontade livre, sem a ajuda necessária da graça de Deus, levar uma vida moralmente boa; reduzia a influência do pecado de Adão à de um simples mau exemplo. Os primeiros reformadores protestantes, pelo contrário, ensinavam que o homem estava radicalmente pervertido e a sua liberdade anulada pelo pecado das origens; identificavam o pecado herdado por cada homem com a tendência

⁴⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 2: DS 1512.

⁴⁶ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 4: DS 1514.

⁴⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones disputatae de malo*, 4, 1, c.: Ed. Leon. 23, 105.

⁴⁸ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1-2: DS 1511-1512.

⁴⁹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513.

para o mal («concupiscência»), a qual seria invencível. A Igreja pronunciou-se especialmente sobre o sentido do dado revelado, quanto ao pecado original, no segundo Concílio de Orange em 529⁵⁰ e no Concílio de Trento em 1546⁵¹.

- 407** A doutrina sobre o pecado original – ligada à da redenção por Cristo – proporciona uma visão de lúcido discernimento sobre a situação do homem e da sua acção neste mundo. Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu um certo domínio sobre o homem, embora este permanecesse livre. O pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do Diabo»⁵². Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da acção social⁵³ e dos costumes.
- 408** As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens dão ao mundo, no seu conjunto, uma condição pecadora, que pode ser designada pela expressão de São João «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29). Esta expressão significa também a influência negativa que as situações comunitárias e as estruturas sociais, que são o fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas⁵⁴.
- 409** Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do Maligno» (1 *Jo* 5, 19)⁵⁵, transforma a vida do homem num combate:
- «Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há-de durar – o Senhor no-lo disse – até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior»⁵⁶.

CIC 359, 402-411, 615: Adão, o Pecado Original; Cristo, o novo Adão

- 359** «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado é que verdadeiramente se esclarece o mistério do homem»⁵⁷:
- «São Paulo ensina-nos que dois homens estão na origem do género humano: Adão e Cristo... O primeiro Adão, diz ele, foi criado como um ser humano que recebeu a vida; o segundo é um ser espiritual que dá a vida. O primeiro foi criado pelo segundo, de Quem recebeu a alma que o faz viver... O segundo Adão gravou a sua imagem no primeiro, quando o modelou. Por isso, veio a assumir a sua função e o seu nome, para que não se perdesse aquele que fizera à sua imagem. Primeiro e último Adão: o primeiro teve

⁵⁰ II CONCÍLIO DE ORANGE, Canones 1-2: DS 371-372.

⁵¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*: DS 1510-1516.

⁵² CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511; cf. *Heb* 2, 14.

⁵³ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 25: AAS 83 (1991) 823-824.

⁵⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Reconciliatio et paenitentia*, 16: AAS 77 (1985) 213-217.

⁵⁵ Cf. *1 Pe* 5, 8.

⁵⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 37: AAS 58 (1966) 1055.

⁵⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

princípio; o último não terá fim. Por isso é que o último é verdadeiramente o primeiro, como Ele mesmo diz: “Eu sou o Primeiro e o Último”»⁵⁸.

- 402** Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. É São Paulo quem o afirma: «pela desobediência de um só homem, muitos (quer dizer, a totalidade dos homens) se tornaram pecadores» (*Rm* 5, 19); «Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram» (*Rm* 5, 12). À universalidade do pecado e da morte, o Apóstolo opõe a universalidade da salvação em Cristo: «Assim como, pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só [Cristo], virá para todos a justificação que dá a vida» (*Rm* 5, 18).
- 403** Depois de São Paulo, a Igreja sempre ensinou que a imensa miséria que oprime os homens, e a sua inclinação para o mal e para a morte não se compreendem sem a ligação com o pecado de Adão e o facto de ele nos ter transmitido um pecado de que todos nascemos infectados e que é «morte da alma»⁵⁹. A partir desta certeza de fé, a Igreja confere o Baptismo para a remissão dos pecados, mesmo às crianças que não cometeram qualquer pecado pessoal⁶⁰.
- 404** Como é que o pecado de Adão se tornou o pecado de todos os seus descendentes? Todo o género humano é, em Adão, «*sicut unum corpus unius hominis* – como um só corpo dum único homem»⁶¹. Em virtude desta «unidade do género humano», todos os homens estão implicados no pecado de Adão, do mesmo modo que todos estão implicados na justificação de Cristo. Todavia, a transmissão do pecado original é um mistério que nós não podemos compreender plenamente. Mas sabemos, pela Revelação, que Adão tinha recebido a santidade e a justiça originais, não só para si, mas para toda a natureza humana; consentindo na tentação, Adão e Eva cometeram um *pecado pessoal*, mas este pecado afecta a *natureza humana* que eles vão transmitir *num estado decaído*⁶². É um pecado que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. É por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um acto.
- 405** Embora próprio de cada um⁶³, o pecado original não tem, em qualquer descendente de Adão, carácter de falta pessoal. É a privação da santidade e justiça originais, mas a natureza humana não se encontra totalmente corrompida: está ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (inclinação para o mal, que se chama *concupiscência*). O Baptismo, ao conferir a vida da graça de Cristo, apaga o pecado original e reorienta o homem para Deus, mas as consequências para a

⁵⁸ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermones* 117, 1-2: CCL 24A, 709 (PL 52, 520) [2ª leit. do Ofício de Leituras de Sábado da XXIX Semana do Tempo Comum: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 4, p. 440].

⁵⁹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 2: DS 1512.

⁶⁰ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 4: DS 1514.

⁶¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones disputatae de malo*, 4, 1, c.: Ed. Leon. 23, 105.

⁶² CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1-2: DS 1511-1512.

⁶³ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513.

natureza, enfraquecida e inclinada para o mal, persistem no homem e convidam-no ao combate espiritual.

- 406** A doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original foi definida sobretudo no século V, particularmente sob o impulso da reflexão de Santo Agostinho contra o pelagianismo, e no século XVI, por oposição à Reforma protestante. Pelágio sustentava que o homem podia, pela força natural da sua vontade livre, sem a ajuda necessária da graça de Deus, levar uma vida moralmente boa; reduzia a influência do pecado de Adão à de um simples mau exemplo. Os primeiros reformadores protestantes, pelo contrário, ensinavam que o homem estava radicalmente pervertido e a sua liberdade anulada pelo pecado das origens; identificavam o pecado herdado por cada homem com a tendência para o mal («concupiscência»), a qual seria invencível. A Igreja pronunciou-se especialmente sobre o sentido do dado revelado, quanto ao pecado original, no segundo Concílio de Orange em 529⁶⁴ e no Concílio de Trento em 1546⁶⁵.
- 407** A doutrina sobre o pecado original – ligada à da redenção por Cristo – proporciona uma visão de lúcido discernimento sobre a situação do homem e da sua acção neste mundo. Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu um certo domínio sobre o homem, embora este permanecesse livre. O pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do Diabo»⁶⁶. Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da acção social⁶⁷ e dos costumes.
- 408** As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens dão ao mundo, no seu conjunto, uma condição pecadora, que pode ser designada pela expressão de São João «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29). Esta expressão significa também a influência negativa que as situações comunitárias e as estruturas sociais, que são o fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas⁶⁸.
- 409** Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do Maligno» (*1 Jo* 5, 19)⁶⁹, transforma a vida do homem num combate:
- «Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há-de durar – o Senhor no-lo disse – até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior»⁷⁰.
- 410** Depois da queda, o homem não foi abandonado por Deus. Pelo contrário, Deus chamou-o⁷¹ e anunciou-lhe, de modo misterioso, que venceria o mal e se levanta-

⁶⁴ II CONCÍLIO DE ORANGE, Canones 1-2: DS 371-372.

⁶⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*: DS 1510-1516.

⁶⁶ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511; cf. *Heb* 2, 14.

⁶⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 25: AAS 83 (1991) 823-824.

⁶⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Reconciliatio et paenitentia*, 16: AAS 77 (1985) 213-217.

⁶⁹ Cf. *1 Pe* 5, 8.

⁷⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 37: AAS 58 (1966) 1055.

⁷¹ Cf. *Gn* 3, 9.

taria da queda⁷². Esta passagem do Génesis tem sido chamada «proto-Evangelho» por ser o primeiro anúncio do Messias redentor, do combate entre a Serpente e a Mulher, e da vitória final dum descendente desta.

- 411** A Tradição cristã vê nesta passagem um anúncio do «novo Adão»⁷³, que, pela sua «obediência até à morte de cruz» (*Fl* 2, 8), repara superabundantemente a desobediência de Adão⁷⁴. Por outro lado, muitos santos Padres e Doutores da Igreja vêem na mulher, anunciada no proto-Evangelho, a Mãe de Cristo, Maria, como «nova Eva». Ela foi a primeira a beneficiar, dum modo único, da vitória sobre o pecado alcançada por Cristo: foi preservada de toda a mancha do pecado original⁷⁵ e, durante toda a sua vida terrena, por uma graça especial de Deus, não cometeu qualquer espécie de pecado⁷⁶.
- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (*Rm* 5, 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»⁷⁷. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados⁷⁸.

⁷² Cf. *Gn* 3, 15.

⁷³ Cf. *1 Cor* 15, 21-22.45.

⁷⁴ Cf. *Rm* 5, 19-20.

⁷⁵ Cf. Pio IX, Bulla *Ineffabilis Deus*: DS 2803.

⁷⁶ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, canon 23: DS 1573.

⁷⁷ Cf. *Is* 53, 10-12.

⁷⁸ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.